

JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM CURSOS DE LICENCIATURA: REPRESENTAÇÕES E INFLUÊNCIAS DAS DIMENSÕES POLÍTICA E RELIGIOSA

Crislaine Pereira de Lima *
Cristina Satiê de Oliveira Pátaro **
Frank Antonio Mezzomo ***

Resumo: A pesquisa investiga o perfil e a trajetória de jovens licenciandos no que se refere às representações acerca das dimensões política e religiosa, bem como das influências que tais elementos podem exercer na constituição identitária destes jovens universitários. Os dados foram coletados por meio de entrevistas realizadas com 26 jovens estudantes de licenciatura da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, com ênfase nos cursos da área de Ciências Humanas. Busca-se compreender a constituição das identidades juvenis em articulação com a política e a religião, bem como o perfil, representações e trajetórias de jovens universitários, em vista do contexto de democratização do acesso ao Ensino Superior no Brasil, em paralelo às problemáticas que vêm envolvendo as universidades públicas, em especial no Paraná. Os dados apontam a relevância das dimensões da política, da religião e da formação universitária na constituição identitária dos jovens, bem como as articulações e influências mútuas presentes nas relações entre esses aspectos. A multiplicidade de compreensões e trajetórias expressas pelos jovens universitários evidencia a importância de se considerar a constituição das identidades juvenis não como um processo linear e predefinido, mas como uma dinâmica complexa e imprevisível, que se constrói a partir de diferentes dimensões e das vivências e relações estabelecidas pelos sujeitos.

Palavras-chave: Jovens. Universidade. Religião. Política. Licenciaturas.

UNIVERSITY YOUNG PEOPLE IN UNDERGRADUATE TEACHER FORMATION COURSES: REPRESENTATIONS AND INFLUENCES OF POLITICAL AND RELIGIOUS DIMENSIONS

Abstract: The research investigates the profile and the trajectory of young undergraduate teacher formation students related to representations about the political and religious dimensions, as well as the influences that such elements can exert on the identity constitution of these students. Data were collected through interviews with 26 young undergraduate students from the State University of Paraná, emphasizing the Human Sciences courses. It seeks to understand the constitution of youth identities in articulation with politics and religion, as well as the profile, representations and trajectories of university students, in view of the context of democratization of access to Higher Education in Brazil, as well as the problems involving public universities, especially in Paraná. Data point to the relevance of the dimensions of politics, religion and university formation in the identity of young people, as well as the mutual articulations and influences present in the relations between these aspects. The multiplicity of understandings and trajectories expressed by young university students highlights the importance of considering the constitution of youth identities not as a linear and predefined process, but as a complex and unpredictable dynamic that is constructed from different dimensions and from experiences and relationships established by the subjects.

Keywords: Young people. University. Religion. Politics. Teacher formation undergraduate courses.

Introdução

Este trabalho analisa o perfil e trajetórias de jovens universitários de cursos de licenciatura da área de Ciências Humanas da Universidade Estadual do Paraná – Unespar, tendo em vista as representações e influências das dimensões política e religiosa, buscando ainda verificar de que forma as vivências junto à universidade se articulam a estas dimensões¹.

Nas discussões acerca da juventude, verificamos que esta temática contempla uma multiplicidade de concepções, devendo ser analisada enquanto construção social e histórica que está fundamentalmente ligada às questões políticas e culturais da época e contexto aos quais pertencem (CATANI; GILIOLI, 2008). Portanto, entendemos que pesquisar juventude exige uma visão plural sobre estes sujeitos, partindo do pressuposto de que a realidade é composta por juventudes heterogêneas e que, em decorrência de suas múltiplas vivências, produzem diferentes saberes e conhecimentos acerca da sociedade (MAYORGA, 2017; SPOSITO; TARÁBOLA, 2016).

Especificamente no que diz respeito aos jovens universitários, identifica-se uma lacuna na produção acadêmica, sendo, portanto, pertinente a ampliação dos estudos que visem compreender a constituição da identidade do jovem universitário enquanto sujeito cultural, social e político, para além de sua condição de aluno. Ademais, em vista da democratização do acesso à universidade, efetivada, sobretudo, na última década, o perfil dos universitários brasileiros já não deve ser associado apenas às classes sociais mais favorecidas e às elites intelectuais, o que denota a importância da compreensão do novo público atendido pelo Ensino Superior, em especial na Unespar (CARRANO, 2009; MEZZOMO; PÁTARO, 2015).

Em sintonia com tais perspectivas, presentes nas Ciências Humanas e Sociais, esta pesquisa visa analisar o perfil, representações e trajetórias de jovens universitários de cursos de licenciatura da área de Ciências Humanas da Unespar, em sua interface com a religião e a política. Compreendemos a juventude como uma categoria delimitada por critérios culturais, sociais e históricos, levando-se em conta as especificidades e a diversidade desses sujeitos, que vivenciam mais diretamente as novas delimitações e novos desafios presentes na contemporaneidade. Nossa análise e discussão buscam evidenciar aspectos do perfil, representações,

experiências e expectativas dos jovens licenciandos, principalmente no que diz respeito às articulações entre religião, política e o próprio curso de graduação, bem como as possíveis influências dessas dimensões na constituição das identidades dos jovens.

Metodologia

Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas com 26 jovens (até 29 anos) que frequentam cursos de licenciatura da Unespar. Esse enfoque possibilitou entrevistar estudantes que se declararam católicos, evangélicos, de religiões africanas, ateus, agnósticos, jovens que acreditam em Deus, mas não possuem religião, entre outros, abarcando uma diversidade e tipos de relação com a religião. Optamos pelo uso de pseudônimos na pesquisa, a fim de garantir o anonimato dos participantes².

O roteiro de entrevista foi organizado previamente em blocos, contemplando questões referentes ao cotidiano e às vivências desses jovens; questões sobre suas perspectivas e vinculações em relação à religião; suas compreensões sobre política e formas de participação; e, por fim, questões voltadas a identificar como a formação universitária e as vivências no curso de graduação repercutem nos entendimentos sobre a política e a religião. O agendamento para a coleta de dados foi realizado por contato direto com os jovens, via telefone, em que convidamos e consultamos a disponibilidade destes em participarem da entrevista. Marcamos datas, horários e locais, a fim de realizar a atividade em cada câmpus, respeitando as possibilidades dos jovens participantes.

As entrevistas foram realizadas nos meses de setembro a novembro de 2017, nos diferentes câmpus da Unespar, sendo gravadas em áudio digital. A etapa de transcrição ocorreu em paralelo, sendo finalizada em janeiro de 2018.

Análise e discussão

Ao tematizarmos a participação dos jovens, seus processos de formação e constituição de suas identidades, é relevante considerar igualmente o meio social no qual se inserem. Por este motivo, destacamos com essa pesquisa as perspectivas

acadêmicas, religiosas e políticas, bem como as inter-relações entre estes elementos, uma vez que se tratam de temáticas que permeiam várias outras discussões e que abrem caminho para percebermos estes jovens em seus espaços e como se desenvolvem e participam socialmente, tornando-se sujeitos políticos (CASTRO, 2008).

Neste sentido, quanto à religião, destacam-se as dinâmicas próprias da contemporaneidade, marcadas pelo pluralismo crescente, o movimento de secularização, as novas religiosidades, a autonomia diante das instituições religiosas, e outros elementos que tangenciam a formação das identidades juvenis (HERVIEU-LÉGER, 2015). Tais movimentos influenciam as compreensões dos jovens e suas formas de assumir ou não uma religião ou crença religiosa. Em muitos casos, a vinculação religiosa recebe influência do meio familiar, mas está igualmente relacionada às vivências sociais e motivações subjetivas (NOVAES, 2012).

Quanto às compreensões acerca da política, é possível perceber algumas ressignificações na forma de pensar a sociedade e suas relações. Atualmente, apesar de os jovens se distanciarem de uma participação política institucionalizada – como partidos, sindicatos e associações –, eles se apresentam engajados em outros movimentos, que de certa forma se constituem também como participação política, sendo que, para isso, utilizam-se de outros instrumentos, como as redes sociais, para demonstrarem suas insatisfações e ideias de mudanças necessárias para a sociedade (FERNANDES, 2007; CASTRO, 2016). Para Mayorga (2017), as juventudes atuais têm se engajado em diferentes movimentos de reivindicação, sobretudo em relação às discussões de gênero, diversidade e classe social, enquanto grupo que se percebe como protagonista de possíveis mudanças e melhorias na organização social à qual pertencem.

Em relação ao processo de formação em nível superior, é possível perceber que no Brasil, nas últimas décadas, um número crescente de jovens vem ocupando esses espaços de formação, sejam estes públicos ou privados. Nesse sentido, Diéguez (2015) chama atenção para as políticas públicas voltadas à escolarização, como o FIES, SISU e Prouni, facilitando o acesso e permanência nesse nível de ensino. A autora ainda afirma que tais políticas não possuem como finalidade única a melhoria da escolaridade brasileira, mas que considera também a qualificação da mão de obra e conseqüentemente melhoria da produtividade do país. De todo modo,

é fato que tem havido uma ampliação do acesso ao Ensino Superior, que passa a receber jovens de grupos sociais diversos e que até então não frequentavam a Universidade. Claudia Mayorga discute também a intensidade em que a universidade, enquanto espaço formativo, tem possibilitado reflexões acerca da política, principalmente quando esses jovens se veem como sujeitos políticos, reconhecendo e produzindo novos saberes em relação a uma efetiva participação política e social (MAYORGA, 2017).

Um aspecto importante a ser mencionado, que se refere especificamente à trajetória dos jovens investigados junto à Unespar, diz respeito aos inúmeros eventos sociopolíticos que marcaram as vivências e experiências destes estudantes desde o ingresso no curso de Graduação, em 2014. Nesse sentido, podemos mencionar tanto os eventos em nível nacional (os protestos contra a Copa do Mundo e contra as Olimpíadas no Brasil, as manifestações em favor do *impeachment* de Dilma Rousseff, o movimento contra a corrupção, entre outros) quanto os ocorridos no estado do Paraná, sobretudo aqueles que envolveram diretamente o Ensino Superior, como os diversos períodos de greve dos servidores contra o governo do Estado e as ocupações das Universidades pelos estudantes (GOHN, 2018; PEREIRA; ALLAN, 2016; JINKINGS; DORIA; CLETO, 2016).

Tais ponderações contextualizam os eixos principais da pesquisa – religião, política e juventude –, principalmente no que concerne à formação desses jovens em nível superior. Neste contexto, procuramos tê-las presentes ao relacioná-las às perspectivas dos jovens que fizeram parte das entrevistas em relação aos temas.

Para uma aproximação inicial com os dados, trazemos algumas informações gerais da amostra pesquisada. O Quadro 01, a seguir, traz a distribuição dos jovens entrevistados por câmpus, considerando o gênero:

Quadro 01: Relação de entrevistados por câmpus e gênero

Câmpus	Masculino	Feminino	Total
Apucarana	00	02	02
Campo Mourão	02	04	06
Paranaguá	02	02	04
Paranavaí	02	04	06
União da Vitória	03	05	08
Total	09	17	26

Fonte: Dados da pesquisa.

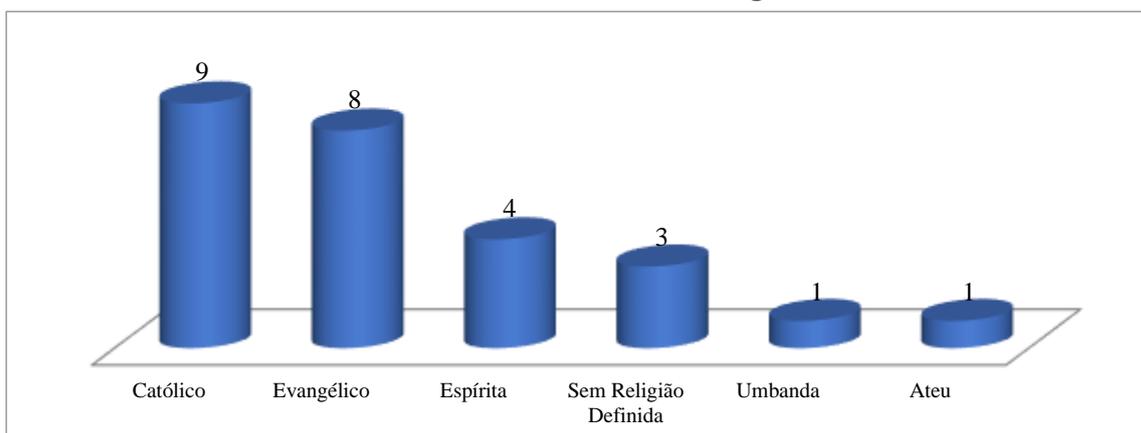
Dos dados coletados, conforme relacionados acima, obtivemos um total de 26 entrevistas realizadas em cinco câmpus da Unespar. Deste total, 09 estudantes são do gênero masculino e 17 do gênero feminino. Em relação ao curso de Graduação, correspondem a 10 licenciandos do curso de Pedagogia, 08 de História, 06 de Geografia e 02 do curso de Filosofia.

Quadro 02: Distribuição dos jovens por curso e câmpus da Unespar

Câmpus	Pedagogia	História	Geografia	Filosofia
Apucarana	02	00	00	00
Campo Mourão	02	02	02	00
Paranaguá	02	02	00	00
Paranavaí	02	02	02	00
União da Vitória	02	02	02	02
Total	10	08	06	02

Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 01: Pertencimento religioso



Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados mencionados no Quadro 02 e no Gráfico 01 apresentam a distribuição dos jovens entrevistados por curso e os pertencimentos religiosos declarados. Como podemos verificar, há um quantitativo expressivo de jovens católicos e evangélicos e, ainda, jovens que se declaram ateus ou sem religião definida, o que possibilita uma aproximação à diversidade de compreensões e trajetórias desses sujeitos no que tange à religião.

No que diz respeito ao pertencimento religioso da população brasileira em geral – desconsiderando o recorte etário juvenil – o Instituto Datafolha (2016)³

publicou os seguintes dados: 50% indicaram ser católicos, 29% evangélicos, 0,2% espíritas, 14% sem religião, sendo que 5% indicaram outras religiões. A mesma pesquisa apresenta, ainda, um levantamento com recorte etário de 16 a 24 anos, identificando a seguinte distribuição: 39% católicos, 32% evangélicos, 21% não têm religião, 1% espíritas, sendo ainda que ateus e outras religiões representam 2% e 5% respectivamente. Dentre as indicações de outras religiões está a Umbanda, também presente em nossa pesquisa, demonstrando a diversidade de pertencimentos religiosos. Considerando o recorte juvenil, percebemos uma queda significativa de católicos e um aumento percentual dos que se declaram sem religião, se comparados ao cenário da população em geral. Com relação à nossa pesquisa, percebemos uma distribuição aproximada dos dados, na medida em que temos um número maior de católicos e evangélicos, seguidos de outras religiões, como espírita e Umbanda, apresentando, ainda, um número significativo dos que se declaram sem religião, acompanhado por um limitado número de ateus, em ambas as pesquisas.

Em relação à compreensão dos jovens acerca da religião, podemos observar certas semelhanças entre os estudantes das diversas vinculações, mas também divergências, como veremos, o que faz reconhecer a necessidade de pensar no conceito de juventude no plural (juventudes), visto que os jovens possuem características diversas. A esse respeito, podemos dizer que são sujeitos em processo de constante construção social (MAYORGA, 2013).

Essa heterogeneidade de concepções fica evidente quando relatam sobre crenças/pertencimento religioso: ao mesmo tempo que percebemos a influência da família e do meio social no qual esses jovens estão inseridos, também observamos uma autonomia para conhecer novas religiões, participar e eventualmente mudar de crença, conforme pode ser constatado as falas a seguir:

Eu tenho a religião católica, desde que eu nasci. Minha família inteira é católica. A gente é praticante, sempre está nos grupos da igreja. [...] Veio da família mesmo. Eu fui criada assim. Conforme você vai crescendo, você vê que tem outras religiões, só que não bate muito com suas ideias, porque você já cresceu naquele princípio. Então, é familiar mesmo que eu tenho essa religião. E agora que eu posso escolher, eu escolho essa também, porque é o que eu penso, é o que vai com meus objetivos. (Ana Paula, 22 anos, Pedagogia, Católica).

A princípio católica, eu fui batizada na Igreja Católica, no catolicismo, porém discordo de alguns segmentos deles, porque são questionamentos que vêm surgindo e que a igreja não consegue sanar. Até então eu tinha um pouco de medo de conhecer, mas aí eu fui no espiritismo e tem coisas que batem, explicações que me ajudam a compreender um pouco esse mundo religioso, [...] explicações diferentes e que seja coerente no que diz e no que se pratica. (Leticia, 22 anos, Pedagogia, Espírita).

Como relatado, apesar de a família iniciar a vida religiosa desses jovens, eles demonstram que existe uma possibilidade de mudança a partir de suas próprias compreensões, porém que não necessariamente mudam, já que cresceram segundo aqueles princípios e que passaram a acreditar, conforme afirma Robson sobre sua opção de crença: “Muito influenciado pelos meus pais, meus avós, mas pelo que eu vivi também. [...] eu questioneei se era verdade o que eu acreditava, mas realmente eu vivi coisas, experiências reais que eu senti algo diferente, por isso que eu segui o cristianismo e sigo ainda” (Robson, 26 anos, História, Evangélico).

Considerando o campo religioso, a sociedade vem se tornando cada vez mais individualista, plural e autônoma, sendo que o espaço de crenças se torna cada vez mais fluido, e os jovens demonstram autonomia para construir um sistema de fé e significação próprios, ressignificando a dimensão religiosa em seu cotidiano. Esse movimento de autonomia e protagonismo religioso pode estar relacionado ao enfraquecimento das instituições religiosas, enquanto determinantes nas ações de seus membros, bem como uma maior abertura do trânsito entre as religiões, proporcionando uma ampla experiência dos diferentes modos de crer e redefinindo, muitas vezes, suas próprias crenças (ANDRADE, 2009; BARRERA, 2002; HERVIEU-LÉGER, 2015).

Ainda sobre religião, principalmente em relação à sua importância para a vida destes jovens e o que esperam dela, há uma diferenciação entre a crença e as instituições, de modo geral, bem como seu papel na caridade e suporte à comunidade. Vejamos a seguir:

Que ela [religião] possa ajudar ao seu próximo, que ela possa ajudar aquele que não tem condições. Porque para mim esse é o papel da igreja, é a comunidade. Então se ela não faz isso, para mim não tem porque existir a igreja. E para mim a religião seria esse conjunto que torna uma pessoa boa. Então desde que você não distorça tudo, ela tem esse objetivo, independente de qual seja, ela quer te tornar uma pessoa melhor. (Brenda, 21 anos, História, Católica).

Para mim ela é fundamental, porque boa parte da minha base de formação, até mesmo acadêmica, ela foi feita na igreja. Fui seminarista por um tempo, então acho que muita coisa do pouco que eu sei devo à igreja, como o meu caráter, como foi moldado, sempre foi numa linha católica, então a igreja tem suma importância no que eu sou hoje. (Walter, 22 anos, História, Católico).

A religião para mim não tem importância alguma, o que importa para mim é Jesus Cristo, quando você tem um conhecimento que você se aprofunda na palavra, você vê que religiosidade ela só é uma questão de ligar o homem a Deus. Eu, enquanto cristão, tenho ligação direta com Deus, então eu não preciso de uma igreja, de quatro paredes [...]. Eu não espero nada [da religião], eu espero de Deus, eu espero que as pessoas sejam alcançadas por Deus, que tenha a presença de Deus na vida das pessoas. (Lucas, 21 anos, História, Evangélico).

De acordo com as três perspectivas apresentadas, percebemos que, ao refletir sobre a religiosidade, cada jovem parte de um pressuposto, considerando sua própria formação, sua importância para a comunidade ou considerando, ainda, que a religião é apenas um meio de ligação entre o homem e Deus, logo não tem um caráter determinante. Esses dados, uma vez mais, evidenciam o processo de autonomia e subjetividade que vem marcando a relação entre os jovens e a religião, já mencionado anteriormente (HERVIEU-LÉGER, 2015).

Antes de analisarmos as compreensões dos jovens sobre a relação entre religião e política, faz-se necessário abordar o tema da política em específico, e de que modo os participantes se relacionam com esta dimensão. O Quadro 03 expressa, novamente, uma diversidade de opiniões:

Quadro 03: Interesse pelo tema política por câmpus

Câmpus	Gosta	Não gosta	Necessário
Apucarana	01	00	01
Campo Mourão	01	03	02
Paranaguá	03	00	01
Paranavaí	03	03	00
União da Vitória	05	03	00
Total	13	09	04

Fonte: Dados da pesquisa.

Como podemos verificar, 50% dos entrevistados afirmam gostar de política. Estes estudantes justificam sua compreensão afirmando que tal dimensão é o meio para mudanças sociais, de interesse comum e que faz parte da vida do homem em sociedade. Por outro lado, os 09 jovens que justificam não gostar mencionam que se

trata de um tema polêmico, que causa discussões, desavenças e estão descontentes com a situação política do país ou, ainda, que não conhecem o suficiente sobre o tema. Por fim, há 04 jovens que julgam a política necessária, e afirmam que não é uma questão de gosto, e sim de entender que a política faz parte da vida, que não é um tema de preferência, mas que é necessário conhecer e saber opinar. Podemos verificar as justificativas com os respectivos pontos destacados pelos jovens:

Gosto de política porque não tem como viver fora da política. A política é tudo que trata do bem comum, da população em geral, do cidadão. O cidadão brasileiro está influenciado pela política, querendo ou não, gostando ou não. A política influencia boa parte da minha vida. Boa parte das decisões políticas influenciam o meu do trabalho, influencia nos serviços públicos, nas leis que regem a nossa vida. (Ricardo, 28 anos, História, Ateu).

Eu não gosto muito da política porque muitas leis estão só no papel, é muito roubo, é crimes que assolam a sociedade. A política interfere muito numa sociedade, e a política nacional, atual principalmente, como um todo, ela não está cumprindo com o papel que ela tem que cumprir, que é zelar pelo cidadão e preservar o cidadão e ter uma precaução dos acontecimentos que possam vir, econômicos, social, pedagógico. Enfim, eu acho que a política ela não é tão importante para mim, pelo fato dela não cumprir com o que é proposto para cumprir. (Elias, 21 anos, Filosofia, Evangélico).

Eu não gosto nem desgosto. Eu acho que é uma coisa que é do ser humano, se você vive em sociedade não tem como você dissociar do seu eu político, afinal de contas, você está num grupo que precisa disso de alguma forma, mesmo inconscientemente. Então eu acho que a política exerce um papel fundamental na sociedade, não tem como separar homem e política. (Carla, 21 anos, História, Espírita).

Os excertos citados acima ajudam a refletir sobre como a política interfere na vida desses jovens e como se colocam enquanto sujeitos políticos. Na medida em que compreendem a política como fundamental para organização da sociedade, e como ela alcança todas as pessoas, esses jovens passam a se considerar sujeitos integrantes desse processo, e que podem determinar efetivamente seu andamento, por isso se engajam em movimentos e militâncias na busca por transformação. Essa relação acontece de forma mais intensa na medida em que esses jovens se percebem como participantes na sociedade e que diretamente recebem sua influência. Nesse sentido, defendem que sua participação política se faz necessária,

já que é nesse meio que se organizam as estruturas sociais mais elementares, que interferem na vida de todos (SPOSITO; TARÁBOLA, 2016, CASTRO, 2008).

É recorrente o descontentamento dos jovens em relação à situação política nacional, apesar de ser presente a tentativa de conhecer mais sobre o assunto e se inteirar dos acontecimentos, já que consideram a política como determinante. A jovem Lorena (22 anos, História, Sem religião definida) afirma que está começando a se interessar pelo assunto por conta da situação do Brasil, e que na própria universidade há um maior diálogo sobre o tema. Ao mesmo tempo em que a graduação promove uma maior aproximação com a política e os jovens têm mais acesso a essas discussões, há um movimento de distanciamento do tema quando a conversa é em família. Em geral, os jovens relatam que evitam esse assunto, pois esses diálogos sempre geram algum tipo de conflito. Júlia (23 anos, Pedagogia, Evangélica) menciona que não conversa com seus familiares sobre política, afinal há uma diferença de apropriação de conceitos e de entendimento sobre determinados fatos, afirmando ainda que o curso de Graduação proporcionou novas e melhores compreensões sobre alguns movimentos políticos. É pertinente destacar que, se em relação à política os jovens evitam dialogar com a família, para que não haja conflitos, quando consideramos o aspecto religioso, percebemos que essa relação jovem-família é mais intensa e menos conflituosa, demonstrando participação da família e certa permanência de crenças herdadas dos familiares.

No que diz respeito à formação universitária, de modo geral, os jovens afirmam que o curso de graduação tem possibilitado diversas mudanças em suas compreensões, tanto políticas e religiosas, quanto em sua visão geral de mundo e da sociedade. Mencionam ainda que a motivação pela escolha do curso – a qual, no ingresso, havia se dado por influência da família, da trajetória escolar na educação básica, do mundo do trabalho, entre outros – vem sendo reforçado pelo gosto e interesse pela área de formação, que ao longo do curso foi se intensificando:

Eu sempre quis ser professor, tem várias pessoas da família [professores] que sempre influenciaram. E Geografia eu sempre gostei também, sempre quis estudar a terra assim, quando eu via aqueles planetas eu gostava e fiz aqui passei, gostei do curso, não era aquilo que a gente pensava só estudar aquilo que a gente queria, não. São várias disciplinas, umas a gente gosta e umas a gente não gosta, mas todo curso vai ter. Estou gostando. (Gustavo, 22 anos, Geografia, Evangélico).

Eu estou gostando bastante, antes de escolher o curso de licenciatura em filosofia eu já tinha vontade de ser professor. Na minha primeira aula de filosofia já estava decidido, é nesse ramo da licenciatura que eu quero seguir. Passei todos os meus três anos do ensino médio com essa ideia na cabeça e cada vez mais forte e agora já quase me graduando aqui eu posso afirmar que foi uma das escolhas mais certas que fiz. Gosto muito e pretendo continuar. (Tadeu, 22 anos, Filosofia, Católico).

Desde aqueles que escolheram por influências externas, como família e amigos, ou aqueles que já tinham autonomia e consciência de qual Graduação cursar, de maneira geral, observamos que o curso possibilitou ampliar as compreensões sobre o mundo, em que os jovens destacaram alguns pontos específicos:

Depois de ingressar em filosofia, mudou muita coisa na minha perspectiva de ver o mundo, a perspectiva também do futuro. Antes como estudante do ensino médio não tinha futuro planejado e nem queria saber de planejar meu futuro. Depois que entrei para faculdade, ela se tornou mais viva essa questão de planejar cada coisa, e isso eu acho que me ajudou bastante para posteriormente trilhar um caminho como professor. (Elias, 21 anos, Filosofia, Evangélico).

Sobre esse cenário político. Através da aula que a gente teve de Estrutura, eu pude entender que sempre há uma intenção. Por exemplo, às vezes eles mostram uma coisa na TV – eu não tinha essa criticidade –, a gente pensa: que legal, que bonito. Mas o que há por detrás disso? Isso eu aprendi com a faculdade, a pensar criticamente, a não acreditar naquilo que eu vejo. Primeiro eu ver se é verdade! Só porque uma pessoa afirmou, ou porque apareceu na TV, eu vou acreditar. Eu aprendi muito que a mídia convence as pessoas! Isso é uma coisa que eu não sabia. Se eu via uma coisa na TV, era verdade porque apareceu na TV. (Patrícia, 25 anos, Pedagogia, Evangélica).

Tinha muito preconceito, por exemplo. Lá em casa a gente tinha preconceito com bolsa família, com essas coisas assim de auxílio social. Eu vi e comecei a entender melhor como que são esses movimentos sociais. Eu comecei a entender e achar legal a causa deles. A faculdade acabou com muitos preconceitos que eu tinha, me fez mudar mesmo, porque eu nunca tinha parado para pensar nessas coisas, então mudou e foi uma mudança bem positiva nesses aspectos. (Juliana, 25 anos, Geografia, Espírita).

A criticidade obtida a partir do curso de Graduação é um dos pontos marcantes das narrativas. Muitos jovens relatam que o curso tem aprimorado uma visão crítica de mundo, mudando o olhar que tinham principalmente em relação à organização política da sociedade. Há também uma desconstrução de ideias preconceituosas, sobretudo em relação a movimentos sociais. De maneira geral, os

jovens destacam que o curso proporciona maior conhecimento e informação da realidade e que por isso ajuda a ampliar as compreensões de mundo, antes limitadas pela mídia de massa e senso comum. A universidade pública, no entanto, além do pouco recursos e políticas que favoreçam seu desenvolvimento, precisa equilibrar o uso do conhecimento científico nela construído, ao passo que forma para o mercado trabalho, já que está inserida em uma sociedade que valoriza o capital humano enquanto mão de obra qualificada. Nesse sentido, seu desafio tem sido formar sujeitos capazes de interpretar tal realidade e fazer uma análise crítica do contexto ao qual pertencem, valorizando uma formação emancipatória do sujeito (SANTOS, 2005; MONFREDINI, 2016).

As intersecções entre os temas religião, formação e política estão presentes em todas as entrevistas, porém são diversos os modos como ocorrem e como são vistas pelos jovens. Sobre a relação entre religião e política, por exemplo, ao mesmo tempo em que parte dos entrevistados consideram indesejável essa aproximação, outra acredita que seja necessário. Dentre as justificativas mencionadas, ficam claros alguns pontos centrais, como a defesa de que é insustentável essa aproximação, já que religião e política são coisas diferentes e que não devem se misturar. A Igreja, nesse caso, não deve influenciar na questão particular do indivíduo em relação à política. Vejamos:

Acho que uma coisa não se mistura com a outra, cada pessoa tem que ser criteriosa quando for eleger um representante político, tem que ter sua opinião. Acho que religião não é para falar sobre isso, religião é para pregar a palavra de Deus, uma coisa é espiritualidade outra coisa é política. (Gabriela, 26 anos, Pedagogia, Evangélica).

Péssimo. Se fosse para ser junto não existia um setor para cada coisa. As pessoas elas colocam um julgamento religioso deturpado, eles distorcem, e aproveitam que tem um grande apoio da população porque a maioria é religiosa, eles aproveitam disso, para ganhar pelo emocional. Então para mim é péssimo, é impossível. (Brenda, 21 anos, História, Católica).

Em contrapartida, temos um movimento de defesa dessa proximidade, em que a religião deve dar espaço à política, principalmente na tentativa de orientar e dar parâmetros para que os fiéis possam seguir. Neste sentido, também procuram reafirmar a ideia de que essa orientação não pode ser uma imposição da religião nas decisões de seus membros:

O que eles passam para nós é que a gente tem que conhecer. Eles ajudam a trazer um pouco de conhecimento até porque tem pessoas que não têm todo o entendimento. Eles orientam, mas nada é imposto. Eu acho que é bom porque as vezes a gente não tem um parâmetro então é um Norte. Eu acho importante. (Julia, 23 anos, Pedagogia, Evangélica).

É necessário, porque onde tem encontros religiosos, também educa, a religião também educa. Eu acho que está tudo interligado política e religião, então no meu ver eu acredito que pode ter vínculo sim, de falar e comentar de uma forma que oriente os fiéis. (Leticia, 22 anos, Pedagogia, Espírita).

Por fim, fica demarcado também uma relação entre ambas as perspectivas, com certas ponderações no que diz respeito a uma inserção efetiva da religião na política. Neste caso, entende-se que é impossível desvincular totalmente o político do religioso, porém não se concorda com a participação das religiões no Estado, visto que este deve ser laico, considerando prejudicial e perigoso que as decisões que atingem todos os cidadãos sejam embasadas em princípios religiosos. Ainda, em outra perspectiva, temos a ideia de que é importante que as religiões, de modo geral, tenham representantes políticos que lutem por seus interesses:

Eu acredito que seja até uma maneira de defesa, se você pensar que a gente tem uma possibilidade de várias pessoas por exemplo que são de esquerda que tem uma tendência de não ser cristão se eleger. Então eu acredito que seja interessante sim que católicos ocupem espaços políticos até mesmo para que defendam o grupo que eles representam, assim como é em qualquer outro grupo da sociedade. (Walter, 22 anos, História, Católico).

A igreja sempre esteve no meio da política, os fiéis sempre estiveram no meio da política. O problema é essa invasão na política de Estado, de querer definir o que é certo para todos os cidadãos. Aí temos um problema bem grave, que é querer romper com a laicidade do Estado, você querer empurrar dogmas religiosos para uma realidade laica, ou que deveria ser laica. [...] em questão de proibir, criar leis, criar regras para todos com base em posicionamento moral da religião. (Ricardo, 28 anos, História, Ateu).

Neste último eixo, percebemos que os jovens relacionam as questões de secularização e laicidade na medida em que constroem suas justificativas. No primeiro momento, há uma necessidade de reafirmação da religião perante a sociedade, que, pelo movimento de secularização, vem reconfigurando sua força. O segundo relato se apoia na questão do Estado enquanto instituição laica, em que não cabe nenhuma influência do religioso, tendo autonomia de suas decisões. Neste

caso, as decisões tomadas com base em morais religiosas desrespeitariam o princípio laico. As narrativas demonstram que a forma como se interpretam as questões da laicidade e da secularização são múltiplas e se constroem em dinâmicas diversas: uns discordam da secularização e veem como solução a presença do religioso no Estado, ressignificando a ideia de laicidade; outros defendem a laicidade enquanto meio de garantir autonomia do Estado e evitar decisões baseadas em dogmas para a sociedade como um todo (BARREIRA, 2002; CAMURÇA, 2017).

No que diz respeito às intersecções entre o processo de formação no curso de Graduação e a dimensão da religião, percebemos também uma pluralidade de percepções, desde conflitos até reafirmações:

Se tem uma relação entre a minha faculdade e a religião é uma relação conflitua, tipo, eu aprendo uma coisa na igreja e outra na faculdade. [...] Quando se fala da religião, eu nunca encontrei alguém que fosse de dentro da igreja falando da igreja na faculdade, então o tipo de conhecimento que se produz não só sobre a Igreja Católica, mas sobre os cristãos na faculdade é uma coisa que vem do outro lado, vem das pessoas que contestam isso, e nunca tem alguém que faz parte de alguma igreja falando, então eu acho que isso é limitado, é uma visão parcial da realidade. (Walter, 22 anos, História, Católico).

Eu consegui conciliar bem, a religião está estritamente relacionada com a filosofia. Então eu consigo compreender várias questões com mais aprofundamento da religião a partir da filosofia, dos estudos filosóficos. Meu curso só vem a somar minha escolha, meu interesse pela religião católica, no sentido de me aprofundar e conhecer os nuances e as questões que edifica o pensamento e a teologia da religião. Como ainda não tenho nenhuma caminhada considerável na filosofia também não na religião, eu desenvolvi esse meio entre uma e outra, trabalhar com as duas, complementando e fazendo sínteses a partir disso. (Tadeu, 22 anos, Filosofia, Católico).

Apesar de alguns jovens relatarem que é possível conciliar os dois campos, outros acreditam que não, pois o conhecimento científico construído na Graduação contesta os princípios religiosos, e nem todos conseguem manter um equilíbrio entre ambos:

O curso de História me fez meio que desacreditar [...] me influenciou a repensar se eu realmente deveria seguir fielmente a própria religião. Me fez entender o que fez a Igreja Católica, ser a Igreja Católica hoje. Então eu acredito que tem coisas boas, mas ela também passou por fases horríveis. Passou por cima de muita gente, não só a católica, várias outras vertentes também. Talvez, por isso, hoje eu já não siga uma religião, por causa do curso. Não que isso seja ruim,

para algumas pessoas talvez seja, para mim não é ruim. Para mim é bom, porque me fez ter uma abertura de visão de mundo. Ver que às vezes não só uma religião me traria uma resposta, outras também teriam essa mesma resposta. Então, para mim, hoje em dia, me influenciou nisso. (Brenda, 21 anos, História, Católica).

Neste caso, percebemos que as discussões realizadas no curso influenciaram esse distanciamento da jovem em relação à religião. No entanto, há relatos de outros participantes em que o conhecimento adquirido no curso fortaleceu essa relação, o que leva a não desconsiderar os debates existentes na Graduação em relação ao tema religião. O que fica demarcado em ambos os casos é a ressignificação do modo de crer que o conhecimento científico construído na Graduação propicia, como um movimento de reflexão desses jovens sobre suas vivências. Dessa forma, a percepção dos jovens em relação à religião vem se tornando cada vez mais subjetiva e singular, na medida em que se reconhecem como protagonistas desse processo (GODINHO; CARVALHO; SOUZA, 2014)

No que diz respeito à relação entre o curso de Graduação e a política, as discussões são consideradas fundamentais para os jovens, afinal eles acreditam que esse tipo de relação favorece uma ampliação de conceitos e um olhar cada vez mais crítico em relação à sociedade e à forma como é organizada:

O curso nos torna pessoas mais críticas, então acaba de certa forma você vendo a pessoa, as propostas dela, se isso realmente pode ser feito, o que isso vai ajudar. O curso nos possibilita isso, você vê a sociedade como ela está organizada, os erros e analisar as propostas que estão sendo feitas, porque muitas vezes uma pessoa que não possui tanto conhecimento acaba sendo manipulada, a gente que está participando do curso tendo um conhecimento mais elevado se torna mais difícil. (Matheus, 24 anos, Geografia, Católico).

Eu sou contra ensinar só uma parcela, é uma meia verdade. [...] Penso que a participação política da faculdade abrange apenas uma visão. Não estou dizendo que você tem que gostar da minha visão, deixa pelo menos conhecer o outro lado sem me inibir. [...] Essa questão política influencia porque me incentiva a buscar mais horizontes, porque eu não me contento apenas com uma resposta, tenho que conhecer várias respostas, para poder filtrar e ver qual é a resposta que se adequa melhor à minha posição. (Veronica, 28 anos, Pedagogia, Umbanda).

Ao passo que os jovens consideram a Universidade como espaço de conhecer e se integrar à política, existe ao mesmo tempo uma concepção de que cursos de Graduação têm abordado apenas um viés específico da política, não

abrangendo uma diversidade de compreensões, surgindo então a necessidade de pesquisar para além das concepções da Universidade, para se inteirar das percepções gerais e, a partir daí, tomar sua própria posição.

Paulo Freire (2002) ajuda a entender a construção do conhecimento científico na instituição formal de ensino, sobretudo no que diz respeito ao papel do professor nesse processo, que de forma alguma, segundo o autor, pode ser neutra, defendendo uma educação para autonomia e não simplesmente transmissão de conhecimentos e ideias. Para o estudioso da educação, o professor deve se posicionar, o que não significa impor ou doutrinar seus alunos, mas sim mostrar caminhos para que possam fazer escolhas e definir seu próprio posicionamento. Se consideramos a política como determinante na vida dos sujeitos e como principal meio de mudança social, não é possível desconsiderar sua importância nas relações formativas, sobretudo numa perspectiva crítica desses conhecimentos.

Por fim, vale ressaltar que, apesar de descontentes com a situação política atual do Brasil, destacando a corrupção e má administração dos bens e recursos públicos, esses jovens ainda percebem a política enquanto possibilidade de transformação e melhorias, acreditando que, sendo sujeitos políticos, podem contribuir com essas mudanças, na medida em que entendem as relações políticas do país e têm consciência de que podem interferir nesse processo.

Considerações finais

Nossa análise se concentra nas especificidades e recorrências entre os temas religião e política, bem como a influência da formação universitária sobre ambos. Não se trata, no entanto, de uma comparação quantitativa, mas de uma análise qualitativa que buscou evidenciar os principais aspectos que cercam essas perspectivas, como o pensamento crítico e uma análise mais geral da realidade, a qual os jovens afirmam ser possível a partir do curso de Graduação, proporcionando mudanças significativas em suas vivências e compreensões.

Procuramos demarcar, também, seus pertencimentos religiosos, elemento que, ao que parece, exerce influência nas compreensões sobre a política e sobre a própria formação universitária. Conforme mencionado pelos jovens, essa relação está intimamente ligada às demais, pois acreditam que não é possível dissociar tais

aspectos, visto que o sujeito está imerso em uma sociedade repleta de perspectivas e referências religiosas, principalmente oriundas do meio familiar.

No que diz respeito ao campo político institucionalizado, há uma ideia de distanciar o espaço político do religioso, ao mesmo tempo em que demonstram uma relação mais próxima da formação universitária, ampla e crítica, com a política, enquanto forma de organização da sociedade. Conforme demonstramos na análise, não há um consenso, tampouco podemos generalizar tais considerações, porém essa é uma recorrência presente entre os jovens.

Diante da diversidade e complexidade dos dados obtidos na pesquisa, é pertinente destacar a importância de considerarmos os múltiplos aspectos que influenciam na construção das subjetividades juvenis atuais, enquanto um grupo heterogêneo, o qual não pode ser reduzido a generalizações, tampouco a análises isoladas e cujo processo de constituição identitária não pode ser tomado como linear. A multiplicidade de compreensões e trajetórias expressas pelos jovens universitários evidencia a importância de se considerar a constituição das identidades juvenis não como um processo linear e predefinido, mas como uma dinâmica complexa e imprevisível, que se constrói a partir de diferentes dimensões e das vivências e relações estabelecidas pelos sujeitos.

Por fim, cabe ressaltar que nossa investigação constrói um primeiro movimento de aproximação aos dados, fazendo emergir indícios de novas problemáticas que poderão, futuramente, ser aprofundadas em outras pesquisas.

Notas

* Crislaine Pereira de Lima é graduanda em Pedagogia na Universidade Estadual do Paraná - Unespar/Campus Campo Mourão. Bolsista PIBIC/Fundação Araucária. E-mail: criss0713@gmail.com

** Cristina Satiê de Oliveira Pátaro é docente dos Programas de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD), História Pública (PPGHP) e Ensino de História (ProfHistória) da Unespar, Campus de Campo Mourão. Doutora em Educação (USP). E-mail: crispataro@gmail.com

*** Frank Antonio Mezzomo é docente dos Programas de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD), História Pública (PPGHP) e Ensino de História (ProfHistória) da Unespar, Campus de Campo Mourão. Doutor em História Cultural (UFSC). E-mail: frankmezzomo@gmail.com

¹ O estudo faz parte de investigação mais ampla coordenada pela Profa. Dra. Cristina Satiê de Oliveira Pátaro, que conta com o apoio financeiro do CNPq e envolve membros do Grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder da Unespar, Câmpus de Campo Mourão.

² A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unespar, e todos os estudantes participaram voluntariamente da investigação, mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

³ Pesquisa divulgada em 28 de dezembro de 2016 pelo Instituto de pesquisa Datafolha (online). Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>>. Acesso em: 17 jul. 2019.

Referências

ANDRADE, Maristela Oliveira de. A Religiosidade Brasileira: o pluralismo religioso, a diversidade de crenças e o processo sincrético. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Paraíba, n. 14, p. 106-118, set. 2009.

BARRERA, Paulo. Desencantamento do mundo e declínio dos compromissos religiosos. A transformação religiosa antes da pós-modernidade. **Revista Ciências Sociais e Religião**, São Paulo, ano 4, n. 4, p. 87-104, out. 2002.

CAMURÇA, Marcelo. A questão da laicidade no Brasil: mosaico de configurações e arena de controvérsias. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 15, n. 47, p. 855-886, jul./set. 2017.

CARRANO, Paulo. Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: SPOSITO, Marília (coord.). **O estado da arte sobre juventude na Pós-Graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. Belo Horizonte: Argvmentvm, v. 1, p. 179-228, 2009.

CASTRO, Lúcia Rabello de. Participação política e juventude: do mal-estar à responsabilização frente ao destino comum. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008.

CASTRO, Lucia Rabello de. Jovens na política: tensões e paradoxos no contemporâneo. In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; HAHN, Fábio André (Orgs.). **Religião, cultura e espaço público**. São Paulo: Olho D'Água, Campo Mourão: Fecilcam, p. 97-120, 2016.

CATANI, Afrânio Mendes; GILIOLI, Renato de Souza Porto. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

DIÉGUEZ, Carla Regina Mota Alonso. Lugar de jovem é na universidade! Políticas públicas de educação e a ampliação do acesso ao ensino superior brasileiro. In: DANTAS, Humberto. **Cadernos Adenauer XVI: Juventudes no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, p. 45-63, 2015.

FERNANDES, Sílvia Regina. Adesão religiosa no segmento juvenil: apolitização ou reinvenção da política? **Ciências Humanas e Sociais em Revista**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 152-165, jul./dez. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GODINHO, Danilo Marques da Silva; CARVALHO, Cíntia de Sousa; SOUZA, Solange Jobim. Experiências religiosas da juventude contemporânea: indagações sobre fé, secularização, ética e política. **Revista de Psicologia Política**, São Paulo, v. 14, n. 29, p. 137-150, 2014.

GOHN, Maria da Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**, Salvador, v. 31, n. 82, p. 117-133, jan./abr. 2018.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. A religião despedaçada. Reflexões sobre a modernidade religiosa. In: HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. 2 ed. Petrópolis: Vozes, p. 31-56, 2015.

INSTITUTO DATAFOLHA. **Perfil e opinião dos evangélicos no Brasil** – total da amostra, 07 e 08 dez. 2016. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/12/1845231-44-dos-evangelicos-sao-ex-catolicos.shtml>. Acesso em: 17 jul. 2018.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (Orgs.). **Por que gritamos golpe?**: para entender o impeachment e a crise. São Paulo: Boitempo, 2016.

MAYORGA, Cláudia. Pesquisar a juventude e sua relação com a política: notas metodológicas. **Estudos de Psicologia**, Minas Gerais, v. 18, 343-350, abr./jun. 2013.

MAYORGA, Claudia. Por novas instituições, por uma nova política: o protagonismo dos jovens no Brasil. Entrevista concedida a Ada Fontanella e Laiza Campos. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 6, n. 10, p. 11-24, jan./jun. 2017.

MEZZOMO, Frank; PÁTARO, Cristina. **Estudantes universitários no ensino superior público paranaense**: perfil dos ingressantes na Universidade Estadual do Paraná. Campo Mourão: Ed. Fecilcam, 2015.

MONFREDINI, Ivanise. As possibilidades de formação de sujeitos na Universidade. In: MONFREDINI, Ivanise (Org.). **A Universidade como espaço de formação de sujeitos**. Santos (SP): Editora Universitária Leopoldianum, p. 7-20, 2016.

NOVAES, Regina. Juventude, religião e espaço público: exemplos “bons para pensar” exemplos e sinais. **Religião e sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 01, p. 184-208, 2012.

PEREIRA, Luis Fernando Lopes; ALLAN, Nasser Ahmad (Orgs.). **29 de Abril: repressão e resistência**. Bauru: Canal 6/Projeto Editorial Práxis, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. FILHO, Naomar de Almeida. **A universidade no século XXI: para uma nova universidade**. Coimbra: Almedina, p. 13-106, 2008.

SPOSITO, Marília Pontes; TARÁBOLA Felipe de Souza. Experiência universitária e afiliação: multiplicidade, tensões e desafios da participação política dos estudantes. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 137, p. 1009-1028, 2016.

Recebido em: agosto de 2019.

Aprovado em: novembro de 2019.